

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**António Correia Duarte**

registada em 2008-09-09  
por

Cláudia Simões e Carla Aguiar



## **António Correia Duarte**

António Correia Duarte nasceu a 10 de Junho de 1949 no lugar de Pardieiros. Filho único de Américo Duarte e Celeste da Conceição. Os pais nasceram nos Pardieiros e passaram os dias a trabalhar na agricultura e a tratar dos animais. Desde que nasceu António esteve sempre nos Pardieiros. A infância foi a trabalhar, na agricultura e em várias coisas. “O tempo era passado na escola e nas horas vagas ainda tinha que ajudar os pais a ir tratar dos animais e na agricultura.” Começou a trabalhar com 5, 6 anos numa quinta, a tratar dos animais. Depois foi para a escola onde andou até à quarta classe, até aos 12. “No tempo de escola não havia namoricos.” A esposa é da Benfeita, conheceu-a quando lá ia à missa. Das conversas ao domingo e depois à semana, surgiu o namoro que durou dois anos. Após oito anos de casamento nasceu uma filha. Actualmente ainda faz colheres de pau e trabalha na agricultura.

# Índice

Identificação António Correia Duarte.....	4
Ascendência Américo Duarte e Celeste da Conceição.....	4
Infância "Fui crescendo aqui".....	4
Namoro "Aos domingos também se ia passear".....	5
Casamento "Foi um dia de chuva".....	5
Descendência Graça Maria Simões Duarte.....	6
Casa "Era uma casa de agricultura".....	7
Percurso profissional "Gosto de trabalhar em tudo".....	7
Ofício As colheres de pau.....	10
Costumes Os santos padroeiros.....	12
Religião A Irmandade de São Nicolau.....	12
Lugar A minha aldeia.....	13
Sonhos "Gostava de ser fogueiteiro".....	16
Avaliação "Gosto que andem por cá".....	17

## **Identificação *António Correia Duarte***

Chamo-me António Correia Duarte e nasci a 10 de Junho de 1949 no lugar de Pardieiros, freguesia da Benfeita, concelho de Arganil.



**António Correia Duarte (com 40 anos)**

## **Ascendência *Américo Duarte e Celeste da Conceição***

Sou filho único de Américo Duarte e Celeste da Conceição. Os meus pais nasceram também nos Pardieiros. Os seus dias eram passados a trabalhar na agricultura e a tratar dos animais. Eles criavam suínos, ovelhas e cabras. Trabalhavam desde que viesse a manhã até ao anoitecer.

## **Infância "*Fui crescendo aqui*"**

Desde que nasci estive sempre nos Pardieiros. A minha infância foi aqui a trabalhar, na agricultura e em várias coisas. O tempo era passado na escola e nas horas vagas ainda tinha que ajudar os pais a ir tratar dos animais e na agricultura, conforme a gente podia e a idade que tinha. Depois fui crescendo aqui.

### **A escola nos Pardieiros**

Gostei sempre da escola. Andei lá até à quarta classe, até aos 12 anos porque estive dois anos sem professora e naquele tempo só se entrava para a escola aos 7 anos. A escola era nos Pardieiros, mas também tinha crianças do Sartal e do Enxudro. Chegámos a lá andar aos 30 e 35 alunos, rapazes e raparigas. Éramos muitos, mas hoje só cá está uma criança.

## **Namoro "*Aos domingos também se ia passear*"**

No tempo de escola não havia namoricos. Depois havia. A partir dos 14, 15 anos já era diferente. Aos domingos ia-se passear. Íamos para várias povoações aqui vizinhas, para várias aldeias. Conversávamos uns com os outros. Era a pé. Mas era pouco. A gente naquele tempo andava pouco.

A minha esposa é da Benfeita. Conheci-a quando lá ia à missa. Começámos a conversar ao domingo, depois à semana, porque eu ia lá várias vezes com colegas meus e depois então começámos a namorar. Namorámos dois anos. Eu dava-me bem com os pais dela, começámos a falar e assim nos casámos.

## **Casamento "*Foi um dia de chuva*"**

O dia do meu casamento foi um dia normal, com uma cerimónia normal. Foi na Benfeita, num dia de chuva. Veio uma camioneta da rodoviária aos Pardieiros para levar os convidados e depois viemos embora. Almoçámos, jantámos e pronto! Ao outro dia tornámos a almoçar ainda. A festa foi comer e beber, mais nada. Não houve festa nenhuma. O comer normal era a chanfana, o arroz-doce, a tigelada, os pudins, o cozido à portuguesa, eu sei lá! Era muita coisa! A noiva ia de branco. Agora vão de cor mas naquele tempo era tudo de branco, vestido e véu tudo branco. Eu levava uma roupa normal, uma roupa escura, castanha, era assim uma coisa.



**António Correia Duarte (com 18 anos)**

### **Descendência *Graça Maria Simões Duarte***

Tenho só uma filha que nasceu ao fim de oito anos de estar casado. O nascimento foi em Coimbra à meia-noite e qualquer coisa.

Foi baptizada na Benfeita. Todas as crianças são baptizadas na sede de freguesia. No dia dela foi só ela. Foi um baptismo normal. Foi baptizada, depois viemos para os Pardieiros, com os convidados e almoçámos.

Foi à escola nos Pardieiros e depois foi para a Benfeita, ainda um ano ou dois. Devia ter aí alguns 10 anos. A escola nos Pardieiros fechou porque não havia alunos. Só havia dois, era ela e outra. A outra depois foi para Lisboa, assim como lá está. Ficou só a minha filha, que esteve nos Pardieiros, na Benfeita dois anos e depois foi para Côja.

Trabalhou também na agricultura, estudou até ao nono ano em Côja, depois esteve numa fábrica de confecções e agora está desempregada. Ela e o marido vão à segunda-feira para Arganil e vêm à sexta-feira.

## **Casa "*Era uma casa de agricultura*"**

Eu estive sempre junto mais os meus pais. Era uma casa de agricultura, pronto. Tem a loja, tem o primeiro e segundo piso e tem o sótão. Tem quatro quartos. Fiquei lá a viver com a minha esposa. Ainda tenho um fogão de lenha. Aquilo aquece a casa toda. Tenho um quintal onde cultivo hortaliça, batatas às vezes, como este ano ainda lá as tirei, e cebola. Animais agora não tenho. Já tive. Ainda tive, agora o ano passado, um suíno. Já tive galinhas, cabras, ovelhas e coelhos. Agora já não tenho nada disso. Tratava deles com hortaliças, ervas e pasto. Era o que calhava.

## **Percurso profissional "*Gosto de trabalhar em tudo*"**

O meu primeiro emprego foi a trabalhar na agricultura. Era novo. Aos 5, 6 anos ia para a quinta para tratar dos animais, para ajudar, ia ver e segurar os animais, às vezes à porta para eles não saírem, pronto! A minha mãe e o meu pai ensinavam-me. Depois fui para a escola, pronto, depois continuei na vida. Trabalhei na agricultura e trabalho. Ainda agora no outro dia fomos arrancar batatas porque também é preciso para comer.

## **Na construção civil**

Também trabalhei nas obras de construção, como ajudante. Trabalhava para quem me falava. Conforme ia vendo também fazia. Tinha que ganhar algum dinheiro, ganhar alguma coisa.

Quando andava na construção, aquilo eram dez da manhã e tomávamos, chamávamos nós o "mata-bicho", que era para fortalecer. Ainda hoje eu vejo os que andam na construção às dez horas é sempre. Isto é uma tradição que eu me lembre, tem sido sempre. Come-se umas sandes um copinho de sumo ou um copo de vinho, o que calha.

## **A electricidade fui a sua curiosidade**

Trabalhei de electricidade também. Não era profissional mas era um curioso Gostava de electricidade, gostava de trabalhar na electricidade. Às vezes facilitava, se havia de desligar, não desligava e fazia a ligação directa com a luz acesa e sacudia-me. Ainda ajoelhei algumas vezes.

## "E eu teimoso"

*Fiz dois levantamentos da povoação da Benfeita, da sede de freguesia. E já fiz dois aqui nos Pardieiros também da povoação toda. Então uma vez ali no cemitério, eu estava com a bandeirola para fazer o levantamento. Quando vou encostar ao muro, fiquei a mais de 4 ou 5 metros, deitado no chão a rebolar. O que andava a trabalhar comigo, pôs-se a olhar à porta e só me disse:*

*- "Ó António o que é que se passa?"*

*E eu teimoso fui ao mesmo sítio e tornei a vir aos tombos. Depois é que eu vi! Com a bandeirola tinha os fios de alta tensão que passam para o Sardal e fazia contacto. Só via lume à minha frente. Calhei de vir para o cemitério, se era lá para baixo tinha sido pior. Depois queria que eu fosse ao hospital. Eu não quis ir. Quando cheguei à noite estava todo inchado, mas depois passou. Só vou ao médico em último caso. Apanhei muitos sustos com electricidade mas o mais importante foi este.*

## A tropa na Guiné

Assentei praça em Aveiro em 1970. De Aveiro fui para Queluz e de lá fui para o Porto Brandão à espera de embarque. Depois fui para a Guiné no dia 24 de Maio de 1971. Estive lá de 1971 a 1973. Estes dois anos na Guiné era conforme calhavam. Uns momentos maus, melhores, outros piores de fome, de sede. Houve de tudo.

Tive lá um episódio, eu e os meus colegas, não fui só eu. Tivemos um problema quando estávamos lá há nove dias. Eram nove horas da noite, fôramos bombardeados pelo inimigo e estivemos 45 minutos debaixo de fogo, deitados no chão. Estava à espera da morte. Não esperava outra coisa ali. Só se via era lume no ar, era metralhadoras era tudo. Também tive bons momentos, mas esses são poucos. A gente lá o coração andava sempre a tremer, nunca andava certo, fosse de noite, fosse de dia. Aquilo nem tem explicação, foram sempre momentos com um bocado de tristeza, um bocado de dor porque uma pessoa não estava certa, não sabia onde havia de estar. Era de noite, era de dia, o pensamento andava sempre, não andava certo. E então só a droga dos comprimidos! Tomávamos aí aos 20 por dia. Sei lá para quê! Só nos davam de manhã, ao meio-dia e à noite. Seis e sete de cada vez! A gente metia aquilo para a boca ao fim ou antes de almoço ou ao fim de jantar, pronto. Era para fazer aquela reacção. Eram tranquilizantes. Aí não havia medo de nada. Nada! Fosse de noite, fosse de dia.



**António Correia Duarte (Guiné, 1971)**

Graças a Deus, tive sempre grandes amigos. Fui sempre bem estimado. Pensava muito aqui nos Pardieiros. O que nos valia era os aerogramas naquele tempo para escrever, mais nada. Não havia outras comunicações. Escrevia quase todos os dias. Era de cá para lá e de lá para cá. Era as saudades que nós tínhamos de não estarmos uns ao pé dos outros, de conversarmos e termos aquela convivência como devia. Na altura já era casado e escrevia para a minha esposa.

Quando voltei, vim para os Pardieiros, dedicar-me à agricultura, à mesma coisa que tinha primeiro.

Eu gosto de fazer tudo, pronto! Para mim é tudo igual. Se vou para trabalhar nisto gosto de trabalhar, se vou trabalhar noutra coisa gosto de trabalhar. Eu gosto de trabalhar em tudo.



**António Correia Duarte (Guiné, 1973)**

### ***Ofício As colheres de pau***

Nas horas vagas faço umas colheres de pau. As colheres de pau são o meu entretém para ver se ganho mais alguma coisa. Quando tenho um bocado é nas colheres. Esteja a chover, a nevar, frio, calor. Tirando isso, é na agricultura e noutros serviços. Foi um primo meu que me ensinou. Faleceu com 54 anos, há três ou quatro anos. As colheres são uma tradição já centenária nos Pardieiros. O meu pai fazia colheres mas gostava mais da agricultura e da construção. Tenho uma oficina, mas já trabalhei em vários lados. A oficina das colheres de pau faz-se em vários lados. Conforme o tempo, às vezes quando estava calor ia para um lado, quando estava frio estava no outro. A oficina de Verão é muito quente e de Inverno é muito fria.

As colheres são feitas de madeira de pinho. Mas só de pinheiro bravo, se for de pinheiro manso já não dá. Vai-se ao pinhal. Antigamente era com o serrote e o machado. Hoje é com uma motosserra e o machado. Já é diferente. Antigamente era tudo com o serrote, com mais trabalho, mais sacrifício, mais

manual. Hoje já temos a motosserra, facilita mais e é mais rápido. Também já vai uma carrinha, já se traz no carro, onde se pode ir. Antigamente era tudo ao ombro, às costas. Traçava-se à medida que nós queríamos e que podíamos, e carregava-se ao ombro ou à cabeça. Era muito diferente. A gente às vezes falava a uma ou duas pessoas e era eu e a família pronto! Fossem homens, fossem mulheres. Hoje já vai uma carrinha e já se carrega para um mês ou dois, ou 15 dias. Já é muito diferente! Vou ao meu terreno buscar a madeira, mas quem não tiver, ou a dão, ou a compra. Agora já há poucos colhereiros, mas antigamente havia muitos e a maior parte era tudo comprado. Depois chega-se, serra-se à medida, rasga-se, tira-se a "corcôdoa"<sup>1</sup> por fora, racha-se e depois faz-se com as ferramentas: com a machada, a enxó, que é uma curva, a legre e a faca. São as ferramentas para trabalhar as colheres de pau.



**António Correia Duarte (com 17 anos)**

Primeiro começa-se com a machada. Faz-se o corte de cima para baixo, até fazer o cabo depois a concha e pronto! Depois deixa-se secar. No fim de dois

<sup>1</sup>casca do pinheiro

dias está seca. Mesmo que seja servido com ela verde, não faz mal nenhum. A resina não tem problemas. Até para medicamentos é aplicada .

Do que sobra, a "corcôdoa"<sup>2</sup> vai para a Pavicer, na estrada de Oliveira, para fazer o platex. Os cavacos vão para queimar e para o fogão.

As colheres de pau são para a culinária, para as demonstrações e exposições, para muita coisa. Algumas colheres são vendidas e outras oferecidas. Vendo ao armazém e a intermediários.

Já estive a fazer colheres em várias feiras de artesanato, em muitos lados. Já estive na Covilhã, em Lisboa, Santarém, Gouveia e em Arganil também lá estive alguns anos. Já nem sei os sítios em que já estive a fazer feiras de artesanato. Tenho muitos colegas conhecidos de outros serviços, que eles também tinham trabalho manual. Conheço muita gente de muitas feiras e muita gente me conhece. Ia às feiras por intermédio das Câmaras. Ainda hoje estou inscrito na Câmara Municipal de Arganil, no Centro de Coimbra e da Figueira. Eu tinha os convites deles e muitas vezes também directamente das Câmaras Municipais da feira de artesanato. Depois tinha transporte por intermédio das Câmaras.

Gostei de ir às feiras. Agora já não vou. Já há uns quatro ou cinco anos que lá não vou. Já me dói muito a cabeça para andar de noite. Mas gosto. Por acaso gostava de lá andar mas já não me dou bem com aquilo. Porque aquilo é um trabalho só de noite, aí até à uma, duas, três horas da manhã e às vezes até era toda a noite e não me sinto bem.

Já não posso muito, mas enquanto puder faço colheres e na agricultura o que puder.

## **Costumes *Os santos padroeiros***

Os santos padroeiros dos Pardieiros são o São Nicolau e a Nossa Senhora da Saúde. A festa é no último sábado e domingo de Agosto. Os dois no mesmo dia. São festas normais. Filarmónica, os conjuntos e folclore, o normal. É a missa, depois ao fim da missa a procissão forma. Leva os andores com quatro pessoas, seja rapazes, seja raparigas, senhoras ou senhores. Formam a procissão e depois vai a filarmónica a tocar. Depois vão dar a volta onde são os sítios marcados que têm para andar. No fim a procissão recolhe e cada um vai para sua casa. Depois os convívios são conforme querem fazer. Umhas vezes têm convívios, outras vezes não, conforme o dinheiro que têm para as festas e o convívio que podem fazer.

<sup>2</sup>casca do pinheiro

## **Religião A Irmandade de São Nicolau**

A religião aqui é muito importante. Eu pertenço à Irmandade de São Nicolau. Agora a minha função na Irmandade é dar uma ajuda a orientar o que me pedirem, porque já não estou na direcção mas pertenço à mesma lá. Ajudo ao que for preciso e estou sempre por dentro do assunto porque já lá estou há 42 ou 43 anos. Já estive por duas vezes na direcção. Os antigos eram diferentes não era nada do que é agora. Agora vai-se melhorando, vai-se desenvolvendo as coisas. Era mais atrasado, eram os tempos diferentes. A Irmandade tem duas saídas: a Nossa Senhora das Necessidades e temos a festa do Santíssimo na Benfeita. A procissão é conforme os que cá estão. Porque os que cá estão são poucos. Agora quando vêm os de Lisboa e do Porto, os irmãos, somos mais, pois está com certeza. Agora os de Pardieiros somos poucos, somos uns oito, nove ou dez, conforme calha. Foram falecendo e não há mocidade.

## **Lugar A minha aldeia**

### **"Fui lá muitas vezes dar corda"**

Este sino agora está cá há uns cinco, seis anos ainda só. Estava cá era o antigo. O antigo sino era o mesmo, ainda é o que lá está, só que o relógio é que era mais antigo. Tinha uns 60 ou 70 anos. Funcionava a corda antiga, este é electrónico. Eu fui lá muita vez dar corda. Não podia esquecer. Tinha horas marcadas, mais ou menos. Mais meia hora, menos meia hora, tínhamos de ir lá dar corda. Uma vez por dia, pelo menos. Depois chegámos a uma altura, que foi reparado, era de dois em dois dias. E depois chegou a pontos que teve de se modificar pelo outro. Agora temos aquele electrónico. Primeiro eram os outros que estavam na Irmandade é que lá iam dar corda, depois estive lá eu. Fui o último. Eu a mais os meus colegas da Irmandade reunimos junto com a povoação e comprámos este.

### **"Um sino nas aldeias é sempre preciso"**

O sino serve para a missa, para os funerais, para dar horas. Serve para tudo! Este agora não é preciso lá ir, é electrónico, dá as horas, tem o comando para as missas, para os funerais, para incêndios, tem comando para tudo. Antigamente tinha-se de lá subir à torre, tinha a sineta e tinha o sino e depois tocava-se. Um

sino nas aldeias é sempre preciso. Todas as aldeias de roda dos Pardieiros têm sino. Todas! Porque quem anda na agricultura nas propriedades, sabe as horas a quantas anda. Se não tivesse, não trazendo relógio não sabia a quantas andava. O sino começa a tocar às seis horas da manhã até à meia-noite. À meia-noite pára. Às seis horas que é para acordar as pessoas e durante a noite é para dormirem, para descansarem. Era toda a noite só que foi cortado por causa para descanso.

### **"Tudo o que vem da terra é bom"**

O médico vai à Benfeita já há uns 25 anos. Em Côja há todos os dias úteis. Antes eu ia lá. No tempo dos meus pais num aperto mandava-se cá vir o médico, mas era a cavalo. Não havia estradas, não havia nada. Ou então iam lá. Demorava aí uma hora e meia, duas horas. As constipações eram curadas aqui com remédios do campo com ervas e essa coisa toda. Naquele tempo não havia comprimidos, nem injeções, isso só em último caso. Xaropes é só da farmácia. Agora aqui era ervas aqui do campo, diziam que ainda eram melhor que os xaropes da farmácia. Agora não sei. Eu tenho tomado muitos também. Ainda tomo. Chá de cidreira que temos aí. Orégãos que é uma coisa que também se conhece, também tenho tomado. E vários assim do campo tenho tomado muito.

### **Pratos típicos**

Em Pardieiros temos alguns pratos tradicionais. Temos a tigelada, o arroz-doce e tem várias coisas. Tem uma coisa também muito importante que se usa muito que é a sopa de leite, que é feita com leite e pão de trigo e açúcar. Também é muito bom isso.

### **Os lugares**

Conheço isto desde que me conheço a mim. Na freguesia o lugar principal é a Benfeita que é a sede. Depois temos o Pai das Donas e as Luadas que é em frente aos Pardieiros. Temos o Sardal, o Enxudro e o Monte Frio. Temos ali outra povoação, outra aldeia que é a Relva Velha mas pertencia à Benfeita agora pertence à Moura da Serra, em frente da Mata da Margaraça. A Mata da Margaraça tem muitos arvoredos, muitos arbustos, tem coisas muito importantes. A Mata foi de vários donos depois foi comprada pela Conservação da Natureza, do Estado. Primeiro era agricultura. Tem muitas espécies de ervas para medicamentos e tinha muito arvoredo e então tinha muita agricultura. Teve

lá uns 13, 14 caseiros, tudo a trabalhar. Depois foram falecendo, foram deixando aquilo e pronto, ficou tudo para arvoredo. O meu vizinho José Garcia e a irmã Aurora, também estiveram lá muitos anos. E os outros já faleceram. Um era da Benfeita, que foi encarregado daquilo, que era o Luís Mendes da Costa. Foi lá encarregado muitos anos, esteve lá uns 20 e tal anos e depois comprou uma propriedade na Benfeita e foi para lá. Dos filhos desses caseiros já cá não há ninguém. Isso já foi tudo para Lisboa, saiu quase tudo de cá. Lisboa, Coimbra, também para o Porto. Também temos a Fraga da Pena que tem aquela queda de água muito bonita para tomar banho. Aquilo ali é bonito! Tem lá mesas para lanchar, tem água pura para beber, muita coisa.

## **Os ofícios**

Havia um ferreiro na Benfeita mas já faleceu. Agora está no Pisão de Côja outro que é irmão. Tem uma forja, tem tudo, é tudo artesanal. Em Pardieiros agora não há nada, só as colheres de pau. Havia aqui um que era cesteiro, canasteiro, que era como se chamava. Mas já faleceu. Havia outro que era tamanqueiro, que fazia tamancos ou socos, também já faleceu. Agora não há cá mais nenhum. Há três colhereiros: estou eu, o Jorge, esse ainda faz as feiras, e está outro primo meu ao fundo da povoação. E não está cá mais ninguém. Houve à roda de 30 colhereiros e agora não está cá nenhum.

## **"Os Ralhadores"**

As pessoas de Pardieiros são os "Ralhadores" porque fazem muito barulho e falam muito. Todas as povoações têm uma alcunha. Isto já é muito antigo, centenário. Os Pintassilgos são de Arganil, Bois de Côja e Bezerros do Pisão. Monte Frio e Relva Velha também têm, mas já me passou da ideia.

Pardieiros também tem outro nome. Se mandarem correspondência para cá por escrito e puserem Aldeia de São Nicolau vem cá ter à mesma.

## **"Convivemos muito uns com os outros"**

Os homens reúnem-se na casa do povo, à porta da capela, por ali assim. São os sítios principais. Antigamente havia duas tabernas. Uma era ao fundo da rua e a outra ao lado da casa do povo, reuníamos lá. Depois acabaram. Fomos para a Casa do Povo. Arranjou-se e fomos para lá. Para conviver a gente convive

uns com os outros à mesma não é preciso ir à casa e à taberna nem nada. Convivemos muito uns com os outros. Nós aqui convivemos seja de noite, seja de dia, ajudamo-nos uns aos outros, seja no serviço que for, tudo. As pessoas que estiveram em Lisboa e em Coimbra têm regressado, têm cá a habitação e estão cá residentes.

## **Sonhos "*Gostava de ser fogueiteiro*"**

Uma coisa que eu gostava de fazer e que agora aqui, no concelho de Arganil é impossível de fazer era ser fogueiteiro. Deitar foguetes. Deitei milhares deles, fiz muita festa a deitar o fogo. Alvorada, durante o dia, à noite, deitei milhares de foguetes e agora aqui no concelho de Arganil é proibido, pronto! Punha nos Pardieiros, no Sardal, na Benfeita, no Monte Frio, era onde calhava. Agora não se pode, é proibido. Nem a GNR passa os documentos, nem os bombeiros. Tinha de se ir à GNR para dar a autorização. Primeiro era quando se deitava a alvorada a Guarda Nacional Republicana estava ao pé do fogueiteiro, mas depois deixaram. E os bombeiros para estarem à ocorrência do que pudesse acontecer. Agora já nem uns, nem outros passam a autorização, pronto, acabou. Não podem por causa dos incêndios. Porque a mata está muito crescida e pode haver problemas. É muito perigoso.

## **"Deitei milhares de foguetes"**

Ainda apanhei uns grandes sustos também por causa dos foguetes. Às vezes rebentavam logo ao sair da mão, era lume por todos os lados e fumo e tudo. Nunca tive medo. Deitei milhares de foguetes.

A técnica é marcar o fogo conforme a pressão dele. Aquilo tem muitos números, tem do número um até número oito e depois tem que se dividir, pô-lo em ordem para depois começar a deitar. É conforme a pressão dele, a força dele. Segura-se o foguete na mão. Uma mão com a tocha ou a torcida, conforme queira chamar e com o foguete na outra, depois chega-se, dá-se o arranque e a gente deixa-o ir. Dá-lhe um alcancezinho para ele subir, pronto depois deixa-o ir. Aquilo é importante. Há desses que chamam-lhes, fogo preso, mas esse já é diferente. Esse mete-se o lume de um lado e depois aquilo tem umas rodas e já rebenta por ele. Aqui também já se usou o fogo preso, também já cá veio. O outro havia todos os anos. E há o fogo de cartucho também, que é de pôr no chão. Tem os cartuchos a gente põe-lhe o lume e eles sobem ao ar. Também já deitei muito disso. A gente chega-lhe com um fósforo ou com um isqueiro

tem um rastilhozinho, a gente põe-lhe o lume e depois eles sobem ao ar e são de várias cores.

### **Avaliação "*Gosto que andem por cá*"**

Acho que este projecto seja bom, depois é que se há-de ver. Gosto que andem por cá. Porque quanto mais movimento melhor. Porque parar é morrer. Sempre se ouviu dizer: parar é morrer. A convivência é muito bonita e a gente dá-se bem uns com os outros. É muito bonito, e quanto mais movimento, seja por onde for, melhor.